

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 13000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 13125 rs.; semestre (25 n.º) 370 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS MOVEIS

Nunca é demais o espaço, que se consagra á instrucção, n'um paiz principalmente, em que os professores primarios morrem á fome, e em que os governos dos syndicatos ignobes mostram o maior desprezo por este importantissimo ramo da administração publica.

N'uma sociedade regularmente organizada, a instrucção e o ensino devem ser patrimonio de todos. Beneficentissimos são por isso, os que para elles concorrem, sem distincção de cor partidaria; porque em assumptos d'esta ordem nem ha politica nem a deve haver. Todos somos eguaes, perante a instrucção, assim como todos são eguaes perante a lei.

A associação das escolas moveis pelo methodo de João de Deus, recentemente fundada e da qual foram já distribuidas a circular, o alvará de approvação e os estatutos, representa para nós, acima de tudo, uma grande obra de justiça e de emancipação popular, e ao seu principal iniciador, o nosso collega do *Seculo* e amigo Casimiro Freire cabem decerto os mais decididos louvores por tão levantado commettimento.

A excellente circular, a que alludimos resume nos seguintes trechos os fins d'esta importante e utilissima instituição, que, estamos convencidos, ha de figurar, dentro em breve, entre as primeiras, que á iniciativa individual aprouve crear na nossa terra.

Como symptoma civilizador não conhecemos no paiz, pensamento, que se lhe assemelhe pelos admiraveis resultados, que necessariamente ha de trazer consigo no futuro.

Seguem as palavras, concisissimas aliás, da circular em questão:

«Esta associação tem por fim der-

ramar os primeiros e mais essenciaes elementos de instrucção primaria, entre as classes analfabetas, enviando professores em missão de trez mezes, que tanto basta, ás diversas povoações do reino, para ensinarem os que frequentem esses pequenos cursos, a ler, escrever e contar, pelo methodo rapido e facil de João de Deus.

«Não precisamos apresentar uma larga demonstração para provar que a riqueza, a prosperidade e a moralidade d'um povo estão sempre ao nivel do grau da sua instrucção. Apondemos apenas alguns factos incontestaveis, que o evidenciem.

«Os Estados-Unidos da America, uma das nações mais ricas e illustradas, gasta cerca de noventa mil contos por anno com as suas duzentas mil escolas primarias. Na Europa todos os estados se estão disvelando pela instrucção do povo. Na Suissa, a mais dispendiosa verba orçamental, aproximadamente de dois mil contos de réis, é gasta pela confederação em 7:000 escolas e 1:600 bibliothecas e ellas annexas. A Alemanha com 60:00 escolas dispende 25:200 contos de rs. A Belgica a 8246 escolas destina 4:465 contos. A Franca nos ultimos dez annos tem votado milhares de contos para o desenvolvimento da instrucção do povo. A Hollanda, a Noruega, a Suecia, a Inglaterra, a Austria, a Dinamarca, a Italia, a Hespanha e até a Grecia—todas estas nações, na proporção de Portugal, gastam sommas muito mais avultadas de que nós dispendemos com tão importante ramo de serviço publico.

«Mas os numeros comparados levam a maior evidencia.

«A verba de despeza d'instrucção primaria por cada habitante nos Estados-Unidos regula aproximadamente por 2\$100 réis, e em Portugal não chega a 70 réis—eis a razão do nosso atraso social. Enquanto que na Suissa em cada mil individuos ha um analfabeto, em Portugal, como se

prova pela estatistica official, ha em egual numero de habitantes (incluindo as creanças desde o nascimento até aos 5 annos) 825 que não sabem ler nem escrever! Deve porém notar-se que a Suissa tem uma escola para 251 individuos, e em Portugal ha uma para 1:500 habitantes. Conforme os dados officiaes, a população em Portugal é de 4.550:699 almas, das quaes não sabem ler nem escrever 3.751:774. A população rural é de 4.004:410 almas; sabem ler 581:794 individuos e são analfabetos 3.422:616!... Verifica-se em face de documentos autenticos, que em Portugal a instrucção do povo não está mais adiantada que na Russia ou na Turquia. Hoje temos cerca de 600 escolas fechadas por falta de recursos; os professores quasi por todo o paiz estão em atraso de muitos mezes dos seus vencimentos.

«Evidentemente, todo o cidadão que for honrado, patriota e humano não pode permanecer indifferente, diante d'este estado de atraso, que tão profundamente nos separa do convívio dos povos civilizados.

«A Associação das escolas moveis não se propõe tornar em sabios os 3.751:774 analfabetos mencionados na estatistica, mas empenha-se para que os desgraçados, que vegetam nas trevas da ignorancia, vejam raiar a luz que, por intermedio da escola, os encaminha para o trabalho intelligente e consciente. É esta humanitaria e civilisadora missão que nos impozemos, aproveitando para a realizar a poderosa alavanca, denominada *Cartilha Maternal*, obra de João de Deus, ao mesmo tempo um grande talento litterario e um cidadão verdadeiramente benemerito.»

Folgamos sinceramente em consignar n'esta folha o nosso applauso e a nossa adhesão por esta altissima ideia emancipadora, por excellencia, fazendo votos ardentes para que esta sociedade, cujos directores são, por

todos os titulos, uma garantia segurrissima para o seu futuro, venha a occupar entre as associações portuguezas o logar, que por direito lhe compete e que, se não for o primeiro, será pelo menos um dos primeiros.

MAGALHÃES LIMA.

O SANGUE DO POVO E OS BRANÇANÇAS

II

Em 1834 cahiu, foi desfeito para sempre, o governo despotico, e intoleravel no mais alto grau, do tyranno D. Miguel, com a expulsão perpetua d'este da patria que elle escravisara por espaço d'um lustro.

Sendo posto fóra de Portugal o sanguinario Miguel, conegou o verdadeiro reinado da sobrinha, a sr.ª D. Maria da Gloria de Bragança e Bourbon, com o nome official de D. Maria II e o titulo estrondoso de rainha constitucional (!) ou antes pela constituição (Carta) que seu pae mandara do Brazil para Portugal em 1826.

O povo portuguez, que tão vilmente havia sido tratado pelo barbaço D. Miguel depositava grandes esperanças no reinado da joven rainha liberal; mas dentro em pouco de novo se acendeu a lucta das paixões partidarias, rebentando em setembro de 1836 uma revolução, que deu logar a dividirem-se os monarchistas liberaes em duas facções—cartistas (os defensores da Carta ou conservadores), e setembristas (os revolucionarios ou adeptos do alargamento das liberdades patrias).

D'ahi o desandar o reinado da rainha livre n'uma pavorosa serie de revoltas em que predominava mais ou menos o militarismo, sendo a denominada *Maria da Fonte*, em 1846, a que teve um caracter essencialmente popular, e que é justamente considerada como a mais brilhante manifestação do

odio do povo contra o governo pessoal levianamente sustentado por um capricho mulheril o mais ridiculo que dar se pôde, porque a provincia do Minho levantou-se em peso contra o nefasto governo da rainha, então presidido por Antonio Bernado da Costa Cabral (conde de Thomar e hoje marquez), em vista das contribuições pesadissimas e violencias de todo o ponto vègatorias com que este detestavel estadista queria calcar o povo.

O grandioso movimento do Minho foi rapidamente secundado por todo o paiz. O povo foi quasi soberano.

A tristemente caprichosa rainha curvou-se ante a revolução mais popular que tem havido em Portugal desde 1834 até hoje; mas jurou vingarse...

Havendo o ministro oppressor fugido para Hespanha, subiu ao poder o governo do partido setembrista, o de ideias mais avançadas, o mais popular.

Todavia o partido popular, como então lhe chamavam... pouco durou nas imminencias do poder.

Em 6 de outubro do mesmo anno a rainha, mais e mais transviada, guindando-se ao zenith da vaidade, deu o golpe d'Estado por meio do qual o partido cartista-cabralino-conservador (abominavel facção da desvaivada reinante), apoiado na guarnição da capital, voltou aos conselhos da corôa.

O partido setembrista ou representante do povo, vendendo-se atraído com tanta furia pela rainha imprudente, proclamou uma junta provisoria do governo do reino no Porto no dia 9 do referido mez, sendo nomeado seu presidente o bravo general conde das Antas.

Dest' arte ateu-se a guerra civil entre a traçoira D. Maria de Bragança e o povo, originando-se d'esta condemnavel imprudencia da soberana liberal *in nomine*—correrem ondas de sangue, derramado pelo povo, mercê—note-se bem—da soberba sem limi-

signados por um pseudonymo que elle revela em segredo... a toda a gente. É socio correspondente de muitas academias, os supracitados jornaes da localidade chamam-lhe deuto, os velhos cognominam-o de gloria patria e o publico ignorante, de que tenho a honra de fazer parte chama-lhe maniaco.

De resto um homem d'uma volubildade incrível, d'uma loquacidade inextinguível, fazendo reclame continuo ás suas obras e impingindo-as a todo o custo.

Vem ver as raridades do palacio e estudal-as nos seus mais minuciosos detalhes segundo assevera ao conde.

— Pois não, ás suas ordens, tenho sempre grande prazer em auxiliar nos trabalhos de investigação as pessoas que se dedicam a esse estudo. Aqui tem estes quadros que me parecem...

— Eschola Gran-Vasco, ou talvez venezianos... Fra Angelico; sabe o que me lembra? não sejam elles os late- raes d'um triptico? ah! da escola hollandezza Rubens, Rembrandt, ou mesmo...

— Eu lhe conto: estes quadros pertenciam a meu avô que lh'os tinha dado um tio que por muito tempo permaneceu na Italia...

— São dois Raphaels legitimos; veja a côr viva, a pureza do desenho, o trabalhado das vestes...

— Mas olhe que esse tio foi tambem ministro plenipotenciario na Alemanha...

— O que elles são, são dois Al-

berto Dürer; está-se mesmo a ver, a incerteza da linha, o tom dos Niebelungen, a transparencia, o tenebroso, o imprevisito, perfeitamente caracterizados

— Era casado com uma hespanhela que meu avô dizia ser lindissima.

— Justamente, dois Murillos, ora ahí está, parece impossivel como me tinham passado desapercibidos; claramente, ora que diabo; como eu não tinha visto isto... mas, ainda agora reparo, caro conde, esta face, oh! que belleza! um trabalho admiravel, Benvenuto Cellini verdadeiro, ou Gil Vicente... aquella porcelana alem, magnifico Sévres, meados seculo passado, assumpto, Moysés atravessando o mar vermelho, cá está Hercules... exactamente... ou quero dizer... sim, é evidente, Eneias fugindo de Troia, lá se vê a Messalina, scenas tudo da idade media. Oh! um silex! uma navalha de barba de silex! Vou escrever ao Possidonio, ha-de dar-me licença que mande tirar um desenho d'este silex, idade de pedra, habitações lacustres da Suissa, dolmens, tumuli, kjokkenmøddings, um delirio!

Meu caro, não imagina os prazeres que o estudo da archeologia nos proporciona, não avalia, isto é uma maravilha! Supponha o meu amigo, que o outro dia ia eu acotá pela Fonte dos Amores, sabe? e reparei n'uma lapide, uma inscripção etrusca, uma verdadeira inscripção etrusca, escripta em caracteres cuneiformes da Assiria, e em hieroglyphos do Egypto; interpetrei immediatamente—lembranças

do nosso amor. D'ahi reconstrui logo a historia que tenho aqui escripta para em breve ver a luz publica. Quer o meu amigo? Eu dedico-lh'a, eu dedico-lh'a. Dá-me licença, uma penna, um tinteiro, e é já aqui n'um prompto, ora com licença... Aqui está o prospecto da publicação, se poder obter algumas assignaturas, muito me obsequieia. Com licença... Oh! crystaes da Bohemia! que encanto, permittame que observe, que analise, que prescreta, verdadeiras maravilhas! um primor!

— Venha ao meu quarto, quero que veja a cama...

— Luiz XV purissimo! Oh delicias! uma cama Luiz XV tudo quanto ha de magnifico, de surpreendente, ha-de permittir que mande tirar um desenho, um tinteiro, uma penna, duas linhas ao Possidonio. «Meu caro; acabo de encontrar uma cama Luiz XV, meados do seculo 8.º, de socopira, talle soberba, baixos relevos representando martyrio de Santa Luzia! Venha já.» Justamente aqui trago as provas d'um trabalho sobre a taiha em socopira, no prelo, edição Clavel em 8.º papel velino perfumado, gravuras em aço, impresso em elzevir, renascença, ainda lh'o posso dedicar, quer o meu amigo?

— Não se incomode...

— Absolutamente nada, ora com licença, um tinteiro, uma penna, duas linhas ao Clavel:

Tem a bondade, caro conde, manda-me vir um copo com agua? Exactamente.

— Um copo com agua para este sr.

— Com licença, oh! sr. Manuel, uma obra importantissima feita por mim, deve ter ouvido fallar, *Os Servigos de Henrique IV*, romance historico, leitura para creados, edição Char-dron, em 8.º, papel cartão, gravuras em madeira, aqui está o prospecto, faz favor com licença...

Para o cosinheiro tenho uma obra magnifica faça-me o obsequio de lhe communicar *A cosinha em Roma e a sua influencia sobre a civilização latina*, queira entregar-lhe um prospecto.

Desculpe, meu conde, estas interrupções... Oh! prazer dos prazeres! sublimidade! fascinação! Um *Flos Sanctorum* do Frei Luiz de Sousa, ou quero dizer, sim, do Padre Manuel Bernardes, com illuminações em pergaminho, digo-lhe, carissimo, que é uma raridade, ha um como este na bibliotheca do Vaticano, e outro na Torre do Tombo! Ha de emprestarm'o, preciso de examinal-o meudamente, detalhadamente. Não lhe resisto! Tenha santa paciencia. Ai! Ai! Um ataque! Agua de flor de laranja! Os Lusitadas, primeira edição... Visconde de Jerumenha...

— Então, então...

— Uma commoção violentissima, quero fazer a sua biographia, um tinteiro... uma penna... quando nasceu? em que terra?...

.....

.....

.....

.....

.....

.....

tes que dominava a tal altura d'a- quem e d'alem mar em Africa...

Foi nesta dolorosa época que o jornalista mais popular do paiz, o animoso patriota Antonio Rodrigues Sampaio, no seu celebrado jornal O Espectro (orgão) da causa popular que era escripto com risco de vida disse á raivosa Bragança: «O nosso sangue cabirá sobre ti e sobre a tua descendencia. O teu reinado tem sido um reinado de violencias e desgraças.»

Isto era o echo fiel da opinião publica, da opinião de todos os homens livres, da opinião de toda a gente sensata. A final, D. Maria II, apesar de terem as suas tropas ficado victoriosas na batalha de Torres Vedras (22 de dezembro de 1846), para se sustentar no throno, viu-se obrigada a implorar o socorro dos tres soberanos seus aliados—o de Hespanha, o de Inglaterra e o de França, contra o povo que por ella tanto soffreu no tempo da tyrannia miguelina.

Veio pois, uma divisão do exercito hespanhol sobre a cidade do Porto, onde os populares defensores da Junta capitularam, sendo logo desarmados; e as esquadras ingleza e franceza aprisionaram uma esquadra portugueza que se dirigia a Lisboa levando uma brigada de desembarque sob o commando do conde das Antas.

O povo foi subjugado, mas nuca vencido, pelas baonetas estrangeiras.

É n'esta covardia de appellar para a força estrangeira, para calcar o povo portuguez quando elle se levanta repleto de justiça pugnando pelos seus direitos, desprezados pelos monarchas menos leaes, que os Braganças têm feito consistir sempre a prova mais cabal do amor que votam ao povo!

Que extraordinaria sympathia não deve, pois, merecer a ativa familia Bragança, ao pobre povo portuguez?! Ah!

Em 1851 revoltou-se o marechal Saldanha contra o governo cabralista, e marchando sobre o Porto com os batalhões de caçadores n.º 1 e 5 ali proclamou o governo denominado regenerador e a reforma da Carta Brazileira (uma pilula bem dourada!), depois de ter sido morto pelos soldados o coronel (Cardoso) d'infanteria n.º 2—sempre o sangue do povo a correr no período brigantino!

O invicto Saldanha, como lhe chamavam as lisonjeiras officiosas, regressou a Lisboa á frente do exercito regenerador..., e com todo o orgulho d'um heroe bon-vivant prostrou moralmente ou antes engrajadamente o celebre conde de Thomar.

O ministro predilecto da rainha pseudo-liberal nunca mais governou.

Povo, se não estás ainda convencido—que os Braganças não podem viver sem derramar o teu preciosissimo sangue, olha para as banhas da Beira, e lá verás estendidos no solo—na Villa da Mela—sem vida, cinco irmãos teus, cinco trabalhadores, cinco filhos do campo, cinco cidadãos portuguezes, cinco homens livres, que,

para não terem dinheiro para saciar a inane cubiga do fisco real, acabaram de ser varados pelas lalãs da soldadesca d'el-rei nosso senhor—o ultimo dos Braganças.

SATANIEL.

ENSINO UTIL

O TABACO

II

Fumando sem cachimbo principalmente em charuto, o tabaco pelo contacto com os tabios inflamma-os bem como as gengivas, altera o esmalte dos dentes e enegrece-os, para o que não concorre pouco o oleo empyreumatico que não tem podido depositar ao longo da chaminé do cachimbo, chegando o seu abuso a occasionar o terrivel cancro dos labios que segundo trabalhos estatísticos de Mr. Levy figura entre as mulheres com 110 em umito que no homem chega a 126. O cancro do estomago, de que morreu o philosopho Malebranche, e que se deve principalmente attribuir ao tabaco, é tambem, segundo a estatística de Mr. Bergeron, mais frequente no homem que na mulher.

Os seus effectos toxicos e dissolventes são ainda, alem dos apontados na primeira parte d'este artigo, os seguintes:

Experiencias feitas em cães deram como resultado paralytia parcial, marasmo e apathia, queda dos pelos e dos dentes, inflammação das palpebras e cegueira e desaparecimento da urina do sangue.

Imprime a nicotina uma falsa energia ao fumista levando-o assim a procurar um estimulante que o atraiçoa e gasta.

Malapet afirma que a nicotina é perfeitamente solúvel na agua e na saliva, sendo portanto baidado o cuidado de não engulir o fumo.

Todo o organismo é prejuizadamente affectado por este narcotico: os olhos, a bocca, a larynge, o estomago, o fígado, os intestinos, o pulmão, o coração, as veias, os órgãos geradores, o cerebro e a espinhal medulla; a que vão correspondendo a disppepsia, a gastrite chronica, o vomito nervoso, o pyrosis, o cancro do pyloro, os engorjamentos do mesenterio, o narcotismo do fígado, a hepatite chronica, a tosse secca prenuncio de phthisica.

Tal é o seu furor d'atacar o homem que a nicotina se introduz pe as mucosas do nariz, da bocca, do estomago, pelos bronchios e pelos vasos capilares e até pela pelle, de modo que a permanencia n'uma sala que se ache narcotizada é perfeitamente nociva mesmo a quem não fuma.

Estreita o caibre de todos os vasos; em contacto com o sangue enegrece-o e tende a coagular-o, d'onde provém a atonia e a hematose; origina a bronchite, o catarro chronico, a asthma e o emphysema; e combinando-se com o sangue pela endomose atacaram residindo as suas almas, tudo o que tem que fazer os christãos é ou dirigirem a Deas os mesmos sacrificios, ou n'os offerecerem senão como costumes meramente civis.

A igreja, porém, pensa a este respeito muito diversamente, como se vé da doutrina de Jesus Christo por S. Paulo (aos corinthios) negando terminantemente que se possam associar os cultos de latria e idolatria, o falso e diabolico com o verdadeiro e divino. Pergunta o apostolo: «que ha de commun entre a justiça e a iniquidade? que sociedade se póe formar entre a luz e as trevas? que alliança póe haver entre Christo e Belial? etc.»

E mais em ina o apostolo: «os sacrificios dos gentios são feitos aos demônios. Os christãos n'os devem ser socios ou concorrer para estes sacrificios, porque não podem ser participantes da meza de Deas e da meza dos demônios.» A adoração da imagem de Confucio pelos chinezes, permitida pelos jesuitas, será t'õ licita como out'ora a de Homero, Aristoteles e Pythagoras peos ghaetios culto que S. Agostinho e S. Epiphanyo condemnaram.

IX

Ritos malabaricos

Dos ritos chinezes passou a seita aos malabaricos, mais extensos, e que relativamente aos jesuitas consistem na união do culto dos idolos do paiz com as ceremonias christãs, em negar os sacramentos aos páreas, em muitas ceremonias pagãs introduzidas na administração dos sacramentos da igreja, nas diferentes ceremonias supersticiosas a respeito das enfermidades periodi-

ca o gubulo e hepatisa o pulmão; embaraça muitos actos organicos e functionaes; impede a combu tãõ co asucar e causa a diabetes, assim como o aneurismo no coração, delirio phisiologico dos rhins, paralytia da bexiga e a morte dos spermatozoides. Todos sabem que alguns individuos têm morrido victima da sua imprudencia ou ignorancia adormecendo em pequenos aposentos cuja atmosphera se acha completamente impregnada de vapores de tabaco e de nicotina. É igualmente patente a todos a apparencia doentia e soffredora que apresentam os operarios das fabricas de tabaco que se quixim e n-taneamente de dores de cabeça e do estomago; envelhecem prematuramente, tem tremores, e são todos magros. As digestões são difficéis nos fumadores que tambem experimentam sede mais ou menos viva, alternativas de prisão e soltura de ventre, embotamento dos sentidos, demora de concepção, enfraquecimento da memoria, irregularidade nos movimentos musculares. O ouvido e a vista soffrem com o tabaco e mo prevaram os melicos Mrs. Bonnatont, Sichel, Hutchinson, etc.

É principalmente sobre os centros nervosos que o tabaco actua mais funestamente. A epilepsia, o idiotismo epileptico, a atoxia locomotriz, o delirium tremens tem sido em muitos casos as signaladas como seus effectos pelos drs. Decaisne, Pastings, Michéa, Hilsheim e pelo celebre phisiologista Claudio Bernard; vendo-se desaparecer a doenca quando o padecente renunciava o tabaco. Como corollario segue-se a observação que este terrivel narcotico torna no lesenvolvimento das doencas mentaes. Pe as estatísticas dos drs. Guislan, Higou, Rubio e Moreau vê-se que os casos de paralytia geral desconhecidos na Asia Menor e quasi desconhecidos em outros paizes augmentam enormemente na Europa, cuja parte septentrional conta maior numero relativo d'alienados, sendo tambem onde é maior a intemperança do tabaco e das bebidas alcoholicas.

De 1830 a 1832 o rendimento fiscal do tabaco subiu em França de 30 a 20 milhões de francos, e o numero dos alienados de 8000 a 4400. Juntado a esta a esta cifra aquella dos que são tratados em familia e a dos que padecem doencas nervosas, calcula Mr. Jolly que se poderá avaiar em 10000 os intoxicados pela nicotina.

Nos asylos de mulheres alienadas, pouco povoados, encontram-se somente as formas antigas da loucura, enquanto que nos de homens, que fornecem o maior numero, observam-se os casos frequentissimos de paralytia nicotica que predomina significativamente sobre as outras formas d'alienação mental. De mais vê-se que a paralytia geral ataca de preferencia os individuos que mais abusam do cachimbo e do charuto: os militares e os marinheiros, que figuram em primeira linha, em quanto as mulheres são quasi isentas d'esta doenca assim como

mulheres christãs quando se casam uma veronica do deus Pulcar, atada com cento e oito fios, passações por balsamo de acafrão, com tanto que sobre o rever o da mesma veronica se econda uma cruz, bem como exaltam as da igreja e dos seus sacramentos quando padecem a enfermidade do seu sexo, como praticam aqueles idolatras?

O cardal de Tournon condemnou por pastoral de 23 de junho de 1704 todas estas e remonias superfluoas. Clemente XI confirmou esta pastoral em 1706 e em 12 de setembro de 1712 censura as infrações da pastoral e Benedicto XIII em 1727 confirmou os decretos precedentes. Em 1734 e 1739 Clemente XII publicou decretos e um breve a este respeito, e em 1744 Benedicto XIV publica a bulla «Omnia sollicitudinum» contendo todos os decretos desde a pastoral de Tournon.

Eis a doutrina da seita a este respeito: É permitido a quem se prostitue pedir dinheiro para se prostituir; mas quanto deve ser? É uma grande e difficil questão; distingue-se comtudo: quando se trata d'uma mulher publicamente prostituida, não póe pedir mais que o seu preço ordinario; isto em consciencia. Porém, como isto é duro, porque a cada um é livre vender os seus bens pelo preço que quer, nos inclinamos a lhe deixar a este respeito toda a liberdade, com tanto que não haja nem men tira n'm fraude. Mas quando se trata d'uma pessoa honrada, esta póe pedir tudo o que

mo as populações que não fumam ou que parasso u am de outras plantas, chá, lupulo, etc.

Como o abuso das bebidas se liga ordinariamente ao do tabaco, almeim tem levantado a questão da difficuldade de discriminar e dividir a causa das affecções que presenciemos. A experiencia e a observação, porém, demonstram a tola a luz que, apesar dos effectos perniciosos do alcool, o abuso do tabaco deve ser considerado como a principal causa da paralytia geral dos alienados. Mr. Jolly e outros melicos viram paralyticos bebendo apenas agua, mas fumando abusivamente. Mr. Grisolle observou um doente que, muito sobrio em beber, fumava continuamente e tinha quasi chegado á demencia paralytica. Sarou logo que renunciou o fumo. Mr. Maillet affirma que entre o grande numero de paralyticos que se offerecem annualmente á inspecção militar ha muito que se notam pela sobriedade em bebidas, mas que todos abusam do fumo. Acresce ainda que em certas provincias da França onde se bebe muito mas onde se fuma pouco a paralytia é quasi desconhecida.

A latitude etiologica d'esta planta tão eminentemente toxica permite-lhe ainda ir desempenhar um papel tristemente importante no movimento da população.

Até 1844 havia um excesso annual de nascimentos sobre obitos de 150:000; e já em 1847 se notou com estranheza uma differença inversa de 107:000 almas; em 1854 apparece um excelente de 60:000 obitos, que addicido ao do anno anterior que foi de 150:000 dá para dois annos uma perda de 210:000 almas.

Ora sabe-se que as guerras, a carestia de viveres, as epidemias, apenas produzem oscillações passageiras no movimento da população. Temos portanto d'ir procurar a causa d'estas e ntristabras expressões numericas n'outra parte—nas d'enas resultantes do tabaco, no numero crescente dos alienados eparaplegicos imp tentes para a reproducção da especie e na propiedade anaphrodisiaca que Mr. Léguias desmentrou existir no tabaco.

(Continúa)

CARTAS

Lisboa 27 de outubro.

No passado domingo, Eduardo Maia convocou um comicio para se lidar aos electores do circulo n.º 97, por onde se propõe como candidato republicano, a procuração bastante que foi accete por elle, perante a commissão que promove a mesma candidatura, no dia 13 do mez corrente. Esta procuração foi publicada hontem em supplemento ao n.º 57 do nosso presado e valente collega O Noroeste e Trez, com o retrato do candidato.

Ao comicio presidiu Trigueiros de Martel que mais uma vez manifestou as suas arreigadas convicções republi-

cas das mulheres e a repugnancia que os jesuitas mostram em dar os sacramentos e permitir a entrada na igreja ás que se acham n'aquelle estado, e finalmente, em não querearem os jesuitas expor a cruz e pregar este mysterio.

F assim, aventurarmos? Não é permitido aos christãos offerecerem sacrificios nos templos publicos ao idolo Cachimboan e ate adoral-o, com tanto que tenham uma cruz ou sobre o altar, coberta de flores, ou escondida nas mãos á qual attribuem estas adorações? Não lhes é tambem permitido abster-se e pregar Jesus Christo crucificado e de mostrar a sua imagem nas igrejas, porque esta pregação e-canalisaria os gentios? Não lhes é igualmente permitido omitir nas ceremonias do baptismo ou ainda na extrema-unção as unções na mulheres para evitar o excessivo ciuame dos homens; e, em fim, n'õ fallar aos idolatras, que se procuram converter, nem nos jejuns nem na celebração das festas nem na confissão nem na communhão porque estas nos peses lhes seriam mais damnosas do que uteis?

Não seria ainda permitido aos christãos não admittirem a meza da communhão, e exterminarem das igrejas os catholicos debaixo do pretexto de não serem nem nobres nem letrados, como fazem os brachamanes? Não seria permitido não levar aos páreas o viatico e a extrema-unção ás suas casas, não lhes assistir e n'õ os confessar no artigo de morte, para se não intrigarem ou malquistarem com os nobres? Não lhes seria permitido omitirem no publico a salvia, o sal e insulfag o no baptismo; benzerem as cinzas da hostia de vaera, e fregarem com ella o rosto como praticam aquellos idolatras; omitir a cerimonia da cinza; casar os filhos de seis a sete annos; dar ás

X

Impudicicia e obscenidade

quizer porque lhe é permitido estimar a sua honra como bem lhe parecer, não havendo lei que regule o preço da affeição; Pecar com a pessoa, com a qual alguém se acha proximo a casar, antes de se haverem recebido as benções nupciaes, ou é um peccado leve ou não é peccado nenhum. E não só é licito mas muito racional se as benções se demoram muito; A opposição ruidosa de Suzana aos dois velhos que tentavam violenta-õ foi um heroismo de virtude. Ella não era a isso obrigada. E n'este caso o ninguem o deve ser, logo que da dita resistencia póe resultar perigo da reputação ou da vida; Em regra geral, cada um é obrigado a apartar-se das occasões proximas do peccado. Mas quando para isso tem de soffrer um prejuizo de cento e sessenta mil réis-pessoas que n'õ são muito ricas, tem de ficar privadas d'outra pessoa muito util ou expor-se a uma diffamação, n'estes casos ninguem é obrigado a largar a occasião proxima. É o confessor deve absolver os que n'ella se acham, posto que n'õ a deixem e ainda que as reincidencias sejam frequentes; Semelhantemente, um criado ou um filho não devem fazer-se ministros do peccado do amo ou do pae. Porém, se elles n'õ podem evitar sem grandes inconvenientes, v. g., sem se fazerem aborrecidos, sem ouvirem más palavras, sem serem asperamente tratados, ou até despedidos da casa com pouca esperanza de acharem outro modo de vida, n'estes casos bem se póe ceder;

canas e que é um desinteressado e aidente propagador das nossas ideias. Eduardo Maia tambem desenvolveu alguns pontos do seu programma.

Foi feita, como he annunciámos, uma manifestação de sympathia ao illustre e religiozario brasileiro, Lopes Trovão, que se achava presente, a que correspondeu, em nome d'elle, o sr. Trigueiros de Martel.

Lopes Trovão gostou do comicio e está bastante reconhecido para com a população republicana da capital pelas attentões que lhe tem dispensado; da provincia igualmente muitos de nossos correligionarios o tem felicitado por telegrammas e por cartas. Lopes Trovão parte hoje á meia noute, para Madrid, d'onde tem segue immediatamente para Paris onde tem de estar no dia 31.

Magalhães Lima depois de amanhã realisa o seu segundo comicio e conviõou, para ir tambem expor o seu programma aos electores do circulo n.º 98, ao sr. visconde do Rio Sado, candidato governamental. Não ousa fazer tal, porque o povo ali lhe diria bem alto quaes os esbanjamentos, e o estado de ruina a que o governo regenerador, e com elle todos os partidos monarchicos, tem arrastado este paiz. O visconde do Rio Sado, não tem programma a apresentar; tem arranjos e vai ade a satisfazer, nada mais. Enquanto Magalhães Lima anda expondo aos seus electores as suas ideias e procurando convencellos pela razão, da verdade d'ella; o sr. Rio Sado e os seus galopins andam farejando onde está um pobre operario que tem muitos filhos, a quem promettem admittir um, n'um dos asylos municipaes, em troca do voto; um outro que precise d'uns miseraesviestões para matar a fome ou para tractar da doenca de sua familia. E não é só ás casas dos pobres que se fazem destas correrias; aos proprietarios, aos industriosos, aos que tem todas as condições materiaes de independencia, tambem os convencem para trabalharem a favor da sua candidatura, fazendo-lhes concessões e outros favores que os ajudam a enriquecer.

A commissão que se propõe erigir um monumento á memoria do grande democrata e activo trabalhador do principio associativo, José Maria Chaves, reuniu no dia 19 do corrente, segundo anniversario da sua morte, e approvou o risco do tumulo, feito pelo sr. José Luiz Monteiro; e vaeebrir concurso para a respectiva construcção.

É uma homenagem bem cabida a que a geração actual presta ao honrado operario serralleiro, e modesto obreiro da civilização portugueza.

O e ntrabando do Luz do Dia ha de ser vendido em hasta publica no dia 4 de novembro proximo. E o processo? o processo? senhores da justiça.

O processo que foi para o juizo de Almada, porque em Lisboa um juiz fez constar que pronunciaria os altos trunfos implicados n'aquelle roubo á fazenda da publica, nunca irá por diante. Foi o sr. ministro da fazenda, o sr.

quizer porque lhe é permitido estimar a sua honra como bem lhe parecer, não havendo lei que regule o preço da affeição;

Pecar com a pessoa, com a qual alguém se acha proximo a casar, antes de se haverem recebido as benções nupciaes, ou é um peccado leve ou não é peccado nenhum. E não só é licito mas muito racional se as benções se demoram muito;

A opposição ruidosa de Suzana aos dois velhos que tentavam violenta-õ foi um heroismo de virtude. Ella não era a isso obrigada. E n'este caso o ninguem o deve ser, logo que da dita resistencia póe resultar perigo da reputação ou da vida;

Em regra geral, cada um é obrigado a apartar-se das occasões proximas do peccado. Mas quando para isso tem de soffrer um prejuizo de cento e sessenta mil réis-pessoas que n'õ são muito ricas, tem de ficar privadas d'outra pessoa muito util ou expor-se a uma diffamação, n'estes casos ninguem é obrigado a largar a occasião proxima. É o confessor deve absolver os que n'ella se acham, posto que n'õ a deixem e ainda que as reincidencias sejam frequentes;

Semelhantemente, um criado ou um filho não devem fazer-se ministros do peccado do amo ou do pae. Porém, se elles n'õ podem evitar sem grandes inconvenientes, v. g., sem se fazerem aborrecidos, sem ouvirem más palavras, sem serem asperamente tratados, ou até despedidos da casa com pouca esperanza de acharem outro modo de vida, n'estes casos bem se póe ceder;

(Continúa)

FOLHETIM

JESUITAS E REIS

VIII

CONFUCIO E OS RITOS CHINEZES

A idolatria geral seguiu-se na ordem dos trabalhos da seita a evangelização do seguinte, para seus fins:

Um templo e um altar erigidos a Confucio, um sacrificio solemne d'um porco, d'uma cabra, d'alguns cirios, de vinho, de flores e de perfumes; genuflexões diante da sua imagem para obter d'elle o bom entendimento e a intelligencia da sua sabedoria—porque não será tudo isto permitido aos christãos ou seja como assistentes ou seja como ministro com tanto que levem nas suas mãos escondida uma cruz á qual dirijam todo o dito culto? Porque não poderão os mesmos christos os comer do que acharem sobre o mesmo altar, apesar da creença em que os infieis se acham de que é necessario comer das referidas victimas e oblações para obter e fazer grandes progressos na litteratura? As vantagens d'evitar com a commoção do povo o desterro dos ministros do evangelho, e a demora ou total impedimento da conversão das almas, não merecem que os christãos se prestem a tudo o referido?

O mesmo é necessario dizer-se do painel onde está escripto: «Aloze o céu.» Não ha mais do que entender pelo céu a Deus; e a respeito das honras e sacrificios que os gentios offerecem aos retratos dos seus ascendentes defunctos, como logares onde fi-

Fontes, que resolveu aquella venha. Com que magua não verá o caro Fontes fugir-lhe aquelle *ganhosinho*?!

— Na sessão da assembleia geral da Associação dos *livros-pensadores*, que vos disse ter-se reunido no dia 19, e que foi presidida pelo dr. Theophilo Braga, tendo por secretários Teixeira Bastos e Alfredo Moreira, foi eleita a seguinte direcção: Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Xavier da Silva, Alfredo Moreira, Carrilho Viçeira, Silva Lisboa, Germano Quinto, Silva Telles, Reis Damaso, Magalhães Lima, Rosa Limp, Evaristo d'Almeida e L. d'Oliveira Miranda Vianna.

Obtiveram também votos Martins Centreiras, Anselmo Xavier, Sabino de Oliveira, Gomes Leal, Silva Graça, Antonio Soares Monteiro, Antonio Furtado e outros.

Brevemente será convocada a direcção para se constituir e repartir os diversos cargos.

É muito conveniente também que na provincia se organisem associações d'este genero, pois que ha muitas e muitas administrações que não tem ainda os livros do registro civil, para lavrar os respectivos termos.

— Causa viva indignação o seguinte facto que começou hoje a ser discutido no *Seculo* pelo talentoso professor do curso superior de letras e distincto correligionario Consiglieri Pedroso. É preciso que todos os homens liberaes os interessem por esta questão para ver se é d'esta vez que a quella velha Universidade leva alguma machadada.

Eis o facto: «Acabam de ser intimados para comparecer na secretaria da Universidade de Coimbra, os srs. Francisco José de Azevedo e Silva Junior e Manuel Duarte Laranja Gomes Palma, alumnos da mesma Universidade, afim de declararem se são ou não auctores de dois artigos publicados no jornal «A Evolução». O motivo d'esta intimação é o terem n'esses artigos os referidos alumnos criticado o sistema de ensino e duas publicações feitas pelos lentos da faculdade de direitos os srs. Frederico Laranjo e Antonio de Assis Teixeira de Magalhães e querer a Universidade por este facto intentar processo de policia academica aos já mencionados alumnos.»

Y.

COMMUNICADOS

Sr. redactor. Venho pela primeira vez declarar nas columnas do seu jornal o mister que occupo no hospital d'esta cidade.

Seria desnecessario fazel-o, porque é bem sabido sendo de todo, d'uma grande parte do publico da localidade, se a isso não fosse obrigado por motivos imperiosos.

Ha apenas oito annos que exerceo o lugar de enfermeiro responsavel, pois que vim para esta casa na companhia de meu pae, hoje ex-firmeiro, da idade de cinco annos, e on le me tenho conservado até esta data, ficando eu enfermeiro effectivo desde que meu pae deixou de o ser. Ulanome de ter prestado importantes serviços a este estabelecimento: consulte-se os seus livros d'actas, e por elles verá o que tenho feito ha oito annos; os ex. mos srs. Mendes Leite, dr. Agostinho Fernandes Melicio, José Antunes d'Azevedo e Agostinho Pinheiro, como proveitores, são testemunhas respeitabilissimas do meu zelo pelos interesses do hospital; invoco egualmente a rectidão dos ex. mos srs. João Maria Regilla, Luiz Regilla, actuaes facultativos do hospital, e a dos ex. mos srs. José Chripiniano, Figueiredo, Reis, e Arthur Barava, a todos os quaes tenho e a ljuva lo em diferentes operações, para declarar se sou menos digno da posição que occupo; podem finalmente os doentes informar o publico da maneira do meu tratamento, se cumpro escrupulosamente as prescrições dos facultativos, principalmente nas que dizem respeito ás dietas.

Alem do meu lugar de enfermeiro, tenho sob minha responsabilidade a roupa; sou fiscal, dispenseiro, criado, etc., e percebo por todos estes serviços 3\$750 réis mensaes, tendo casa, roupa lavada e luz. Dão-me para uma criada 2:500 réis por mez, devendo eu sustental-a. Será possível com um tão parco ordenado

poder eu viver sem que tenha de lancar mão d'outros expedientes?... Negaram-me o augmento d'ordenado que havia pedido, e como tenho filhos menores para educar, trabalho, sem contulo faltar ás muitas obrigações de enfermeiro. Ficava isto mal a alguém?... Juizo que não.

Pois apesar de executar os meus deveres, procurando viver honestamente, alguem, por má intole ou vicio de educação, se tem entretido em beliscar-me no meu caracter. Creia o meu amigo que as suas diatribes baixas e mesquinhas não me incommodam, porque tenho a consciencia do cumprimento de meu mister. Se venho hoje á imprensa é para dar uma satisfação áquelle publico em quem as suas insinuações torpes e maledivas poderiam causar uma desagradavel impressão a meu respeito, por ignorar as condições em que vivo.

Ao meu amigo tenho a dizer que fomos educados na mesma escola, e que a sua gerarchia não é mais alta do que a minha. Apesar de condiscipulos, o meu amigo tem sabido manifestar o seu talento em acções bem pouco decentes.

Hoje occulto o seu nome, mas se continuar a ser imprudente, arrancar-lhe-hei a mascara para expor á irrisão publica as façanhas do tal D. Quixote.

Aos ex. mos srs. Agostinho Pinheiro, dignissimo proveitor; escriptivo, e a alguns srs. mezarios, que são dignos de toda a consideração e estima peço desculpa se allu li aos seus nomes, bem como aos srs. facultativos sob cujas ordens tenho exercido o lugar de enfermeiro.

Sou, sr. relactor de v. etc.

Aveiro 26 de outubro de 1832.

José Maria dos Santos.

Berlinda dos parasitas

Cumprindo rigorosamente, como nos é peculiar, com a promessa que fizemos em o n.º 30 aos nossos negligentes assignantes de *Amares*, dizemos a esses *amiguinhos de ler jornais de graça*, que—de hoje em diante nunca mais lhes será enviado o nosso jornal, visto o censuravel procedimento que taes cidadãos tiveram para com esta empresa, não satisfazendo desde o n.º 9 até ao n.º 40, os debitos das suas assignaturas, depois de lhes ser tal pagamento exigido por mais d'uma vez. Portanto tomam lugar na *berlinda dos parasitas*, como merecem, por não nos pagarem as quantias que nos devem como assignantes que foram do *Povo de Aveiro* desde o n.º 9 até ao n.º 40, os cidadãos de *Amares* cujos nomes seguem:

Antonio José Gonçalves, Avelino Martins Farinha, Francisco José da Silva Amirim, Hypolito de Vasconcelos Maia, João Xavier d'Amorim S. d'Azevedo, Joaquim de S. e Sá, José Calheiros de Magalhães, José Luiz de Sousa Arantes.

Se procedemos assim é bem contra essa vontade, mas não podemos deixar de censurar por esta forma estes senhores e todos os que se acharem nas mesmas circumstancias, que, felizmente, poucos são.

Liberdade de imprensa

Consta-nos que vai ser instaurado processo academico contra dois estudantes da Universidade porque estes tiveram a extraordinaria ousadia de criticarem no excellente jornal a *Evolução* o methodo de ensino dos lentos Assis Teixeira e Frederico Laranjo.

Sem tempo para discutirmos este procedimento como merece, limitamos enquant o expago nos não sobra, a verberar com t da a força de que somos capazes semelhante proceder numa questão que, antes de mais nada é de liberdade de imprensa.

Ha mais; o poder judicial não achou nesses artigos motivo para queirer; este era o unico competente para superintender numa questão de imprensa.

Pois, apesar de isso, on le o poder judicial se recusou a ver motivo para aquerella, o tribunal academico (?) descobre crime, i tima, julga e, quem sabe? com lemana, legrela, fuzilla, enforca.

Boletim litterario

O *Povo Portuguez*:— Sob esta efigraphie vai publicar-se proximoamente na Guarla mais um defensor das ideias democraticas—uma folha semanal, sen lo seu relactor principal o nosso estimavel e correligionario e distincto escriptor—dr. José de Castro.

O novo jornal promete ser esplendido; para comprovar a nossa asserção basta citar este magnifico trecho do prospecto, que temos á vista:

«Abrir novos horizontes a esta sociedade que os partidos monarchicos tem pro-titulado e que com a mais crimino a má fé tem exporala, eis o elevado pensamento que nos leva a fazer esta publicação de verdadeira propaganda.»

Anhelamos porque surja quanto antes na lica o novo atleta da imprensa livre.

O governo e os jesuitas

A este proposito é curioso o que se acaba de passar da parte das autoridades do governo do rei Antonio Luiz para com o *nuncio do papa* (u jesuita d'alto cathuro) n'uma viagem que este santão fez a Torres Vedras.

Vejam o que sobre o caso diz um dos nossos mais conspicuos colegas da capital:

«O nuncio do papa, que desempenha no nosso paiz o lugar de diplomata, está exhibido das suas attribuições an lano em propaganda pelos conventiculos e coios jesuiticos existentes em diversas localidades de Portugal. Hi pouco nuncio esteve nas provincias do norte, on le foi provocar manifestações jesuiticas. Desde 30 do mez fino até 6 do corrente an lou o nuncio em viagem triumphal pelos coios dos jesuitas do Barro e do Varatojo, em Torres Vedras, celebrando-se ali recepções, illuminações, procissões, com o collegio de meninas e os roupetas da *seita negra*, haven lo mais beijas do anel, etc., etc.

Ora, no cortejo dos jesuitas figurava o administrador do concelho, e segundo lemos n'uma folha da *seita*, tambem coo destacamento de caçadores ali estacionado, com seu capitão á frente, não falt u ao seu dever; isto é, tambem tomou parte na manifestação jesuitica dos roupetas do Barro e do Varatojo ao representante do papa!!!

Perguntamos: o administrador de Torres Vedras e o commandante do destacamento teriam recebido instruções especiaes para tomarem parte n'aquella manifestação d'uma sociedade secreta expulsa de Portugal com infamia, por attentos contra o paiz e criminosos do crime de lesa-majestade?

Então o governo, não só consente que a infame seita dos jesuitas exista em Portugal contra lei, mas ainda consente que as autoridades civis e os destacamentos militares façam cortejo e guarda de honra a semelhantes tristes, inimigos declarados da liberdade e do socego das familias, capital res de heranças e prostituidores das mulheres?!

Para on le vamos, pois?...

Coisas de Hespanha

Confirme relatu n o jornal hespanhol—em Charpa, povoação dependente de Alcalá de Henares, se am tinára o povo contra o mestre-escola e a mestra de meninas.

O governador da provincia tinha determinado, e com tala a razão e justiça, que não houvesse corridas de touros sem que primeramente se pagassem aos referidos professores os ordenados que se lhes deviam.

— Temos pois que optar entre os mestres e os touros, disseram os indigenas de Charpa.

Tanto o mestre como a mestra—acrescentaram outros—são dois estorvos ao desenvolvimento da civilização.

— Abaixo as primeiras letras!

— E até as segundas!

Os pobres professores tiveram de se trancar por dentro nas respectivas casas.

O povo então lembrou-se de os siar pela fome.

— Recurramos a outro meio,— disse um sujeito.

— Venha elle.

— Uma vez que o mestre e a mes-

tra são dois estorvos, principiamos a tourada, correndo-os a elles ambos.

— Não é mal pensala.

— Assim como ha corridas de touros de morte, façamos tambem uma corrida de professores de instrucção primaria... de morte.

— E mortos estes, o municipio não deve consentir que nos mandem para cá nenhuns outros.

— Desde que vieram as taes primeiras letras cá para a terra não houve mais um dia de socego nem de saule.

— Podera! se esses comilões não fazem senão pelir dinheiro!

Felizmente a intervenção da auctoridade local evitou a corrida de mestres... embolalos.

Ora, com franqueza, factos d'estes consolam.

É possível que em Hespanha tenha descido muito o nivel moral, como dizem os descntentes; mas o que é incontestavel é que ainda ali ha quem possa levantar a cabeça com orgulho: Os touros.

Pobre Hespanha!

Recebemos um bem elaborado artigo do nosso estimavel correligionario Albano Coutinho, que não pôde ir neste numero por já havermos recebido o do nosso conterraneo Magalhães Lima que publicamos e para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores. O artigo d'aquelle nosso amigo sabira no proximo numero. A extraordinaria affluencia de original faz com que de continuo lutemos com a falta de espaço e com que muitas vezes, a nosso pesar, não possamos de prompto publicar os escriptos com que os nossos collaboradores nos obsequiam.

Aqui ha tempos o sr. administrador do concelho d'Aveiro mandou visitar uma casa, on le resi lo o ex-capellão do extincto convento das freiras carneitas, e que foi propriedade das mesmas freiras.

Os peritos consideraram a casa em estado de ruina e n'esse senti lo fizeram a competente participação á respectiva autoridade.

Passado algum tempo, receberam intimação do administrador para irem avaliar a referida casa e um grande quantal que lhe fica annexo, aviação requirida pelos delegados da fazenda nacional. Então deu-se um facto vulgar, muito vulgar até n'esta terra. O preten lente ou os preten lentes á propriedade foram ter com os peritos e pediram-lhe para que a collocassem em baixo preço a fim de se não verem na necessidade de gastar muitos cobres.

Os peritos repelliram o pedido e obraram conscienciosamente, e oxalá todos proc dessem sempre assim.

Muito bem. Mas como é justo e de lei pagar-se a quem trabalha, e como os peritos vissem que essa justiça e essa lei se não davam com elles no caso da avaliação, e como não gostam muito de *funis*, um d'elles foi á repartição de fazenda perguntar qual a razão, porque lhe não pagaram. E sabeis o que lhe responderam? Ah! po liamos muito bem dar-vos uma, duas, uma milhã, um trilhão, que não advinhariéis.

Um acto e poderoso empregado... na asneira (sem ser visconde, note-se, não contém lam.) respondeu a esse individuo serena e tranquillamente—que se não pagava nem a elle, nem aos outros, por terem avaliado a propriedade de muito cara!...

E que vos parece uma coisa assim? É diabo ou não é?

Ora vanha cá seu panlego e diganos vossemecê, se faz favor, onde existe um regulamento para avaliação, de propriedade, com preços relativos, segundo a sua importancia. Se vossemecê nos mostrar o tal regulamento, então pedimos dizer-lhe se a avaliação está realmente elevada, d'outra maneira é impossivel.

Quem diabo lisse a vossemecê que está alta a avaliação? Pois vossemecê e outros que taes como vossemecê percebem lá nada d'isso? Ora bombas, bombas, que é officio leve.

De maneira, que na opinião do alto e poderoso empregado só recebe dinheiro quem é tratante, e nívite em arranjos de certa especie; quem o não for... trez vezes nove, vinte e sete...

Note-se que a arrematação, de via ser feita em Lisboa e é por essa razão que a quem queria a propriedade avaliada baratinha, pois tinha em vista a pouca ou nenhuma concorrência e portanto a probabilidade de a apanhar por a avaliação.

Ai que faz este! E depois digam que temos má lingua. O que nós temos é vontade de prestar um grande serviço á moralidade d'esta terra combatendo todas as poucas vergonhas e conseguiu-lo-hemos.

Acaba de ter lugar em Pariz, n'uma das salas do «Granle-Hotel», a reunião de varios homens de sciencia, escriptores, e diplomatas, pertencentes aos diversos Estados da raça latina, a fim de lhes ser exposto por mr. Tourtoulon o plano d'uma grande publicação—o *Revista do mundo latino*, que deve sair a luz por estes dias, tendo o formato da *Revue de deux mondes*. O novo jornal será redigido no idioma francez; mas o seu boletim politico será traduzido em cinco linguas: portuguez, italiano, francez, hespanhol e roumaico, formando d'est' arte 5 edições conforme os paizes a cujos interesses é consagrado.

Ha a circumstancia notavel de ter cada paiz latino varios representantes na direcção de tão importante «revista».

Os representantes de Portugal serão os srs. Fernando de Azevedo, illustrado secretario da legação portugueza em Pariz, e o erudito sr. Duarte Silva, repellido de chimica em o lyceu de Artes e Officios na mesma capital.

Eis aqui uma estatistica das *boas obras* mais conhecidas, praticadas pelo tyranno D. Miguel e seus satellites, durante o seu abominavel reinado—1828 a 1834—:

Pessoas enforcadas, 37; encarceradas, 26:270; dep rta las para a Africa, 1:600; contumazes, 5:000; emigradas, 13:700.

É o quadro mais seductor... da dominação da canalha absolutista, fradesca e anti-patrotica, que, emburhada no minto da antipathica realza do *filho querido* da raivosa Carlota Jaquina de Bourbon, de ominosa memoria, assolou Portugal desde 1828 a 1834.

E é depois d'isto que a corja fanatico-miguelina tenta levantar a cabeça?! Gargalhada e mais gargalhada.

O parcho encomendado da freguezia de Alfife, concelho de Vianna do Castello, refere o nosso presado collega O *Seculo*, tem-se tornado intoleral aos parochianos, com as suas grosserias e insultos.

N'esta freguezia ainda se enterram os corpos nas egrejas. Cada um dos finados, quer seja rico ou pobre, apanha para descargo da sua alma tres officios, cada um dos quaes rende ao digno sacerdote—um carneiro, um caboco de vinho e um alqueire de trigo, e além d'isto as missas que puder dizer. As familias d'alguns dos finados affirmam que os mortos eram muito tementes a Deus, muito boas pessoas, que não precisavam de tantos officios, nem de tantas missas; o reverendo porém a nada se move; quer livrar á força as almas dos parochianos das garras de Satanaz, e quando as familias não se appressam em fazer os officios e manter dizer as missas, o padreca descompe-nas publicamente do altar onde diz missa.

No Porto continuam em grande escala as fallencias.

Todavia a alegria portuense não esmorece... Lá tem para esteio as delicias do syndicato, as glorias da salamancada, e o caso da *Sagres*, presente da força de quinhentos e tantos cavallos com que mimoseou a cidade os arranjos... o ministro-lyrico, o gracioso assassino das batotas, o Dulcamara da instrucção publica.

Consola-te, Porto; que já não tens pouco com que te divertir!

E leve o diabo paixões mais quem com ellas engorda.

TYPOGRAPHIA



"POVO DE AVEIRO,"

N'esta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada colleccão de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, mem-muranduns, prospectos, procurações, mappas, programmas, editaes, guias, recibos, guias de remessa para o correio, etc., etc.

Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobretudo modicidade nos preços.

ALMANACH

DA
Galeria Republicana para 1883

Em substituição do almanach do SEculo
Adornado com o retrato do editor em primorosa photographia
Colaborado pelas principaes pennas do partido republicano
Summario da 1.ª parte

Apresentação—Épocas memoraveis—Computo ecclesiastico—Temporaes—Festas moveis—Estações do anno—Eclipses—Férias—Kalendario o mais desenvolvido—Horarios dos carros americanos—Caminhos de ferro do Norte e Leste, Sul e Sueste—Douro e Minho—Beira Alta e linha de Caceres—Tabella dos signaes de incendio em Lisboa, Coimbra e Porto.

Summario da 2.ª Parte

Julzo do anno—Garibaldi e a historia—A viagem—Verdades historicas—O cemiterio constitucional—O Seculo—Quadro—A monarchia perante o povo—Confissão—Os impostos—Commemoração do dia 8 de maio de 1882—Sejamos bons—A criação do Arrobas—Prophécia—Preparemo-nos—Sarau—Os martyres da idéa nova—A honradez e o dinheiro—A Barra de Pedro—Romeu e Julieta—Al—A memoria de meu pae—Opeñão d'um rei—O novo Ulysses—A impietade religiosa—Historia da Salamancada—Carta do Burnay ao sindicato—Resposta do sindicato—Decreto do «Diario do Governo»—A republica e os centenarios—Pensamentos—Os sotainas—Avante pela patria—Os monarchicos—A democracia e o commercio—O exterior.

Preço 120 réis

Para revender 20 0/0 de desconto em 10 exemplares. Os srs. assignantes da GALERIA tem direito a um exemplar por 100 réis.
Acham-se desde já á venda no kiosque do Bocio (lado norte) e na tabacaria Victor Hugo, Largo do Passeio, 17, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos a João José Baptista, acompanhados da sua importancia e porte do correio.

A ILLUSTRACÃO

JORNAL DAS FAMILIAS

DIRECTOR

FIALHO D'ALMEIDA

PUBLICACÃO SEMANAL

Cada numero 16 paginas e 4 Gravuras

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

LISBOA, PROVINCIAS, E ILHAS

Anno ou 52 numeros... 2\$500

Semestre ou 26 numeros... 1\$300

Trimestre ou 13 numeros... \$700

À entrega, cada numero... \$050

Avulso, cada numero... \$060

ULTRAMAR E PAIZES DA UNIAO

POSTAL

Anno ou 52 numeros... 3\$000

Semestre ou 26 numeros... 1\$500

BRAZIL

Anno ou 52 numeros... 9\$000

Semestre ou 26 numeros... 4\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

Envia-se o primeiro numero, como specimen a quem o requisitar.

Correspondencia á Empresa Horras de Viagem, rua da Procissão 104 1.ª Lisboa.

Precisam-se Agentes

NOVO ESTABELECIMENTO

DE DE
CRYSTAES, MOBILIA E MERCEARIA

DE DE
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

DE DE
RUA DIREITA

DE DE
AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidranga branca e de côr, molduras douradas e pretas, galerias, pators, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candelieiros e seus pertences.
O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

Na rua do Espirito Santo passam constantemente carros fazendo uma ruada insupportavel e com cargas de fardos podridos para adubos das terras, que exhalam um fedôr muito pouco agradável aos habitantes d'aquella rua.

Taos factos constituem um abuso gravissimo, porque a camara municipal determina nas suas posturas que sejam multados os carros que transitam na cidade fazendo chiada ou os que conduzirem cargas da natureza daquelle a que nos referimos. Todavia, diga-se a verdade, a lei para a camara é letra morta: não se faz senão o que os zelosos (sic) camaristas bem querem.

Quanto aos carros não serem multados, a questão é simples: o Pae da cidade, que dá muita mais consideração aos votos dos lavradores do que ás comodidades dos habitantes da cidade, não quer de forma alguma que os lavradores desagrado de tão melindrosos factos. Credo!

por isso pouco importa que paralisada esteja em peor estado a cidade e que não sejam attendidas as suas justas reclamações.

Além disso, embora os habitantes d'esta cidade toda a casta de transgressões commettam.—Acima de todas as considerações uteis ao povo estão os interesses dos pachás camararios e do Pae da Patria.

Deixar fallar quem falla... É o que elles dizem.

E tudo assim vai, mercê do povo e do mel.

Num dia d'esta semana o honrado negociante d'esta cidade o sr. José Fernandes Melicio encontrou na sua gaveta uma falta de quarenta e tantos mil réis. Não estando nenhuma porta arrebada, presume-se que o ladrão saltara pelo muro do quinta e tirou a chave da porta d'esse muro e introduzira na fechadura da porta da casa que era identica, conseguindo assim chamar suas aquellas formosissimas filhas.

Hontem teve lugar na barra d'esta cidade a arrematação do vapor Kate Forster que ha dias encalhara conforme os planos. Foi adjudicado ao sr. Manoel da Rocha, proprietario e marchante d'esta cidade, pela quantia de réis 41.000.

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

Pela delegação d'Alfandega do Porto em Aveiro, se faz publico que no dia 6 do proximo mez de Novembro pelas 10 horas da manhã á porta da dita delegação, se venderão em hasta publica todos os salvados do Vapor «Kate Forster» naufragado no dia 13 do corrente mez ao sul da Barra d'esta cidade, que constam de Guinchos, Ancoras, Correntes, Viradores, Cabos, tres Botese outros muitos objectos.

Delegação d'Alfandega do Porto em Aveiro 27 de Outubro de 1882.

O Escrivão do expediente

Joaquim Pedro de Birto Vidal.

MACHINAS LIGITIMAS

SINGER

Chegou ao deposito da Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com novos melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahí algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

SINGER!

SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes



Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL

SINGER

75—Rua de José Estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FILIA

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torcaes, agulhas, oleo e peças soltas preços baratissim

SINGER!

GRADE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

— Rua de José Estevão, 26 e 28 —

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas legitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a prazo.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a prazo dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento fei- 500 reis semanaes to a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos

AVEIRO

DOMINGOS LUIZ VALLENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM

AVEIRO

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças de cimaes, páus ferrados proprios para banhos e tudo pertencente ao seu ramo. Preços sem competencia.